

Andrey Kurchma

# Relevo

PARANÁ - MARÇO DE 2015 - EDIÇÃO X - ANOV

- Marie Primavera* ESPAÇO-delírio **06**
- Cristiano Castilho* Bogotá, dia 2 **11**
- Juliana Cunha* Entre as coisas **14**
- Teste de personalidade **16**
- Flora Rocha* Destinatário **20**
- Karina Kuschnir* Carta a um jovem doutorando **22**
- Mateus Senna* Aperreamento **25**
- Davi Kinski* **28**
- Ademir Demarchi* Cinerário **30**
- Cel Bentin* Inquieto *Chiaroscuro* [ou Palavra-Obalauê] **32**
- 10** *Robson Vilalba*
- 12** Minha ex *Aline Valek*
- 15** *Edu Hoffmann*
- 18** Boa notícia: descobriu-se que o único critério usado por Deus para permitir a entrada de almas no paraíso é a quantidade de... *Bolívar Escobar*
- 21** Do not go gentle into that good night *Dylan Thomas*  
(Trad. Danilo Augusto)
- 24** Londres e Paris *Ugo Vêa*
- 26** *Laerte*
- 29** Cenas Urbanas *Daniel Zanella*
- 31** Diário da Guerra *Greg Jacques*

## Expediente

Fundado em setembro de 2010.

**Editor** Daniel Zanella **Editor-Assistente** Ricardo Pozzo **Revisão** Mateus Ribeyre **Ombudsman** Carla Dias **Projeto Gráfico** Marcell Mengarda **Impressão** Gráfica Exceuni **Tiragem** 3000.

Edição finalizada em 5 de março de 2015.

## Ilustrações

Todas as ilustrações dessa edição são do Andrey Kutchma – [kutchma.tumblr.com](http://kutchma.tumblr.com) – [a.michalzechen@gmail.com](mailto:a.michalzechen@gmail.com)

Os anúncios da p. 8 foram ilustrados por Carol Zanelatto e Fábio Tokumoto, e os da p. 9 são de autoria do Alan Amorim – [behance.net/alanamorim](http://behance.net/alanamorim)

## Contato

@ [jornalrelevo@gmail.com](mailto:jornalrelevo@gmail.com)

 /jornalrelevo

 /jornal.relevo

## Editorial

Um dos principais dilemas de um periódico de literatura de médio porte, como é o caso do **RelevO**, é entender a envergadura que almeja ter. Bem, atualmente temos uma circulação restrita a Curitiba e Região Metropolitana e aproximadamente 170 assinantes espalhados pelo país, além de uma boa circulação da edição digital. Os três mil exemplares impressos são bem otimizados entre bibliotecas, livrarias, cafeterias, bares e universidades. O encalhe é próximo de zero.

Contudo, melhor seria se tivéssemos uma circulação mais robusta e um poder maior de capacitação de recursos – e é bem aqui onde vivem nossos monstros. Uma das vantagens pouco discutidas de não ser grande é dar poucas satisfações. Podemos, através de nossa base de anunciantes e assinantes, formada substancialmente por amigos, escritores e colaboradores contínuos, investir em conteúdos fora da curva, como o importante quizz sobre o que é cachaça e o que é piroca. Também temos liberdades para não aceitar anúncios na capa e contracapa do jornal e forjar ideias que muitas vezes são até meio ridículas, mas divertidas.

De tempos em tempos recebemos sugestões de pessoas mais próximas sobre as possíveis políticas de captação de recursos via leis de edital, no caso, dinheiro público. Como já reforçamos em outras situações, não demonizamos periódicos que utilizam de dinheiro público para circular – o fomento é importante e aqueles que vivem o cotidiano do meio literário sabem que sem esse suporte provavelmente o número de periódicos em circulação cairia para dois, numa visão otimista.

O que pega é o seguinte: você, pagador de impostos, gostaria de ver seu dinheiro investido em quizz sobre cachaça e piroca? Se sim, ok. Se não, o que você faria? Para não criar desencantos, gastamos nosso próprio dinheiro e nos preocupamos em como ter estabilidade sem perder a nossa independência – palavrinha gasta, mas ainda importante. Na próxima edição, por exemplo, faremos um estudo sobre a importância do Vinho Fontana na formação do caráter da juventude.

Uma boa leitura a todos.

## Errata

No **1º Campeonato RelevO de Modestos**, nas páginas centrais, onde se lê Ingressos: “Você sabe com está falando”, leia-se Ingressos: “Você sabe com quem está falando”. Isso mesmo, erramos as nossas piadinhas.

### PRESTAÇÃO DE CONTAS DE FEVEREIRO DE 2015

#### Anunciantes

**R\$ 30** – Nova Mania (total R\$ 30). **R\$ 50** – Avon; Fisk; Calceaki; Água na Boca; Defenestrando (total R\$ 250). **R\$ 60** – Luigi D’Angelo (total R\$ 60). **R\$ 100** – Toda Letra (total R\$ 100).

#### Assinantes

**R\$ 50** – Whisner Fraga; Luciano Kicot; Fernanda Benini; Lucas Leite; Danilo Augusto; Gustavot Diaz; Guilherme Ganem; Wesley Ferreira; Amanda Arruda; André Tezza; Cristiano Castilho; Daniel Castro; Rosa Nakahara; Alvaro Posselt; Ismael Alencar; Isabella Carvalho; Tiago Suchodolak (total R\$ 850).

#### Despesas

Assinaturas **R\$ 160** / Distribuição **R\$ 100** / Impressão **R\$ 1.090**

Receita **R\$ 1.290**

Custo total **R\$1.350**

Balanco **R\$ -60**

## Cartas do Leitor

HIV

Gostaria de dizer que o texto “Esqueça tudo o que você sabe sobre HIV – Diário de um Jovem Soropositivo” é sensacional e transmite o que muitos deveriam saber para deixar de ter medo da doença e, via de consequência, deixar de ter preconceito. Acredito que, se o texto for publicado e compartilhado nas redes sociais, além de promover o jornal, alcançará inúmeras pessoas que necessitam e merecem ler o texto, mas não têm acesso ou conhecimento sobre a sua existência.

**Eliza Campanholi**

Olá! Onde eu posso retirar os jornais impressos?  
**Gabriela Wegner**

*Da Redação: Gabriela, nossa circulação é voltada para bibliotecas, faculdades, cafeterias e bares com cantinhos para deixar uns exemplares. Temos forte distribuição em Curitiba e Araucária, mas você também encontra com certa facilidade uns exemplares em Campo Largo e Ponta Grossa.*

Parabéns pelo trabalho.  
**João Paulo Néia**

MODESTOS

Velho, li o jornal e achei sensacional! Uma mistura de sentimentos... Só não entendi aquele “Campeonato de Modestos”  
**Juan, do Twitter**

*Da Redação: Nem a gente. Acreditamos que muitas vezes vale a pena não buscar o entendimento, apenas sentir.*

Não entendo o motivo de perseguir o Criolo naquele campeonatinho ridículo que vocês fizeram. E umas piadinhas sem graça... Meu deus... Quero ver vocês terem a importância e a expressão nacional dele.  
**Aurélio Vianna**

VIDRAÇA

Que pena que o Whisner Fraga saiu do cargo de ombudsman! Gostava das análises dele, claras e diretas, porque o anterior era muito academicista.  
**Munike Duarte**

RECLAMAÇÃO

Estou um pouco desapontado com o **RelevO**. Em outubro enviei um conto meu e responderam-me que o publicaríamos em novembro. Até hoje aguardo a publicação.  
**Fábio Breinack**

*Da Redação: Nós publicamos seu texto chamado “Transformação” na edição de novembro, p. 21. Abraços.*

## Ombudsman

# Carla Dias

*Críticas são necessárias,  
ofensas são dispensáveis.*

Quando Whisner Fraga me indicou para substituí-lo no **RelevO**, eu ri sozinha, antes de entrar em pânico. Ele é dos meus escritores preferidos, amigo pelo qual tenho imenso carinho e respeito, a quem sempre consulto – e escuto – quando se trata dos meus próprios escritos. O **RelevO** é um jornal pelo qual tenho real apreço, ao qual credito legítima importância no cenário da literatura nacional atual.

A primeira coisa que perguntei foi se ele acreditava que eu daria conta. Não me levem a mal, trata-se do exercício de se questionar o desconhecido, temendo não saber como lidar com ele. E por mais autoanálise que já tenha feito para amenizar o hábito, ainda uso esse recurso com frequência.

Todos os motivos que citei para me desqualificar estavam diretamente ligados ao fato de eu não ser ele. Pois bem, eu não sou o Whisner, mas ele me garantiu que isso é bom. Então, aceitei o desafio.

O que posso dizer em meu favor é que farei o melhor para beneficiar o **RelevO**. Espaços como este são essenciais para que a literatura se mantenha plural e inspiradora. Para que as pessoas, escritores e leitores, encontrem-se na prosa e na poesia, e na crítica descubram uma forma de aprimorar a relação entre ambos, contando com o periódico como o condutor.

Crítica é uma forma interessante de se compreender o óbvio: nem sempre estamos certos. Autocrítica é a aceitação dessa obviedade, que nos leva a aproveitar, em nome do bem coletivo – ou mesmo daquele mais íntimo e definitivamente intransferível – a chance de aperfeiçoarmos o que julgávamos concluído, sem necessidade de qualquer retoque.

Tenho consciência de que nunca se defendeu ponto de vista tão fervorosamente como nos dias de hoje. A internet tem sido uma ferramenta poderosa durante esse processo de escancarar. Porém, confesso que aguardo pelo dia em que ofensas não tomarão o espaço das críticas, quando teremos aprendido que, ao tirarmos o respeito de cena, a vida desanda.

Lembro-me de uma mensagem que recebi de um leitor, sobre uma crônica que publiquei na internet há alguns anos. Ele começou dizendo que havia gostado da leitura, que a forma como eu escrevia lhe agradava, mas que, para o meu bem, melhor →

Andrey Kutchma (detalhe)



era eu encostar a barriga no fogão e servir ao meu marido. Eu pensei que fosse alguma brincadeira de mau gosto, mas a troca de mensagens me provou que não, ele era completamente avesso à literatura feita por mulheres, independente da qualidade da obra. Aquela era uma ofensa travestida de crítica. Não foi a primeira, tampouco a última vez que experimentei dela. O ofensor é um personagem constante nas nossas vidas, e o preconceito, assim como a certeza absoluta e irretocável de ser o autor da opinião correta, conduzem a dele. Acho que ele deveria participar do 1º Campeonato **RelevO** de Modestos. Aprender a lidar com o elogio direcionado ao outro faz milagres.

Falando sobre a edição de fevereiro, posso dizer que o editorial se aproximou muito do que penso. Política de boa vizinhança – a diplomacia cotidiana – é necessária para que uma sociedade funcione, mas certamente prejudica quando o indivíduo deseja camuflar a aspereza original da sua verdadeira opinião. Precisamos aceitar que nem tudo o que dissermos nessa vida será palatável, principalmente quando remeter ao gosto, que nem sempre será o mesmo do vizinho.

Encantei-me pelos poemas de Alexandre Guarnieri. Depois de lê-los, não conseguia parar de pensar sobre as palavras que um corpo comporta. Desde sempre, as mãos, os olhos, a pele, e tantas outras partes do nosso corpo vêm inspirando a poesia de muitos. Porém, Guarnieri vai além, como se fosse um cirurgião curioso sobre o corpo que habita o espírito daquele que comete poesia.

Cláudia Lopes Bório expõe a insignificância de uma pessoa sendo contestada pela sua real importância. “Manorama” fala sobre uma mulher que mora à beira dos campos de arroz. Ela é responsável por cozinhar o arroz, diariamente, na hora certa, até o dia em que isso não acontece, o que resulta em sua morte. O ritmo que a autora impõe ao texto é de prosa poética, de delicadeza debruçada em melancolia.

Fiquei muito satisfeita com a publicação do “Esqueça tudo o que você sabe sobre HIV – Diário de um Jovem Soropositivo”. Nós tendemos a nos classificarmos como conhecedores dos fatos, mas andamos cada vez menos esclarecidos a respeito do que importa. Talvez seja hora de lidarmos com o outro com mais delicadeza. Basta nos informarmos, antes de decidirmos pelo pior cenário. Evitarmos os rótulos.

Mais interessante e produtivo é dialogarmos. Nem sempre será como nos bate-papos que temos com os amigos, nos almoços que oferecemos em nossas casas, nos finais de semana. Nem sempre será afável, que verdade seja dita, melhor, quando a verdade é dita, às vezes ela amarga. Particularmente, sinto-me à vontade com o contraponto, e espero fazer minha parte de maneira positiva ao **RelevO** e aos seus leitores.

Sendo assim, agradeço ao Whisner Fraga pela indicação, ao Daniel Zanella pela aceitação e ao periódico como um todo pelo espaço. Quem tiver interesse em me escrever, meu contato é [laila.dias@gmail.com](mailto:laila.dias@gmail.com). •



Andrey Kutchma

No final de semana  
 Nós compramos um rolo de barbante  
 Pra dançar  
 Entre os móveis da cozinha.

No sonho vivíamos numa casa grande  
 Num poliamor fluído e sem invasões  
 Éramos duas e dois,  
 quatro  
 mistos que encontravam  
 Em cada braço  
 Um abraço de mar.

Éramos juntos  
 Sorvete escorrendo pelo umbigo  
 E compota de frutas vermelhas

Um deles me fazia ter orgasmos imaginários  
 quando falava  
 Com voz mansa  
 Num idioma de lagartos e serpentes.

Eu, polvo, com meus muitos braços  
 o prendia entre  
 as pernas  
 E daí jorrava  
 cachoeira de água salgada

Molhava seus pelos negros  
 E cada gota descia como chuva fina escorrendo-  
 montanha.

Como num conto de Anais Nin  
 um segundo nos chegava,  
 na madrugada sem fim  
 com seus poemas intuitivos  
 E entrelaçava seu corpo ao dela,  
 num equilíbrio perfeito  
 de fotografia  
 Intenso-preto-e-branco  
 nós quatro (ainda em difícil interação física)  
 nos rendíamos  
 em palavras →

que repetidamente saíam de um para o outro  
de uma para outra  
de outra para os dois  
três  
quatro  
num fluxo constante  
como língua no mamilo.

Havia uma quinta  
Que não chegava  
Que não sabia  
Eu (nós) não podia(mos) sentir a fricção dos seus  
pelos  
Dentro do abraço.

– Ela não estava. –

Enquanto ele, o dos orgasmos imaginários,  
Contava-me histórias sobre o mar  
Numa distância de três centímetros  
da minha boca  
[quente.

Agora era assim,  
e só assim,  
que ele me falava.

(Os outros dois tinham ido  
De viagem com data marcada  
de regresso.)

Naquele fim de semana éramos em corpo:  
Sós  
Nós-Laços  
Dois

Mas a casa cheirava a quatro  
E distante  
Talvez  
tivesse espaço  
Para a quinta  
que não chegava  
que não estava  
Que dava lugar às cartas trocadas  
Abraços sem motivo  
Álbuns de selos antigos  
E promessas de um estar constante.

Ele andava de um lado para outro  
Entre sala e cozinha  
era cantado pelos sons do Atlântico

Do meu lado  
Em fim de tarde  
Fotografava em memória  
E narrava a poesia de minha silhueta contra luz  
Construíamos poemas visuais  
Palavras soltas  
Silêncios longos  
Em três centímetros de distância da minha boca.

Depois de mais uma morte o sol renascia  
Amarelo-suave-brilhante  
E dentro de nós um vermelho agudo  
De Sertão em pôr-do-sol

Pelas ruas da cidade  
Entre afeto e silêncio  
As mãos construíam mapas  
de reencontro  
Entre dois  
[três e quatro.

E se chegasse a quinta  
Num dia de chuva ou arco-íris  
Tinha café quentinho  
dentro do nosso corpo-abraço.

Mas ela não veio.

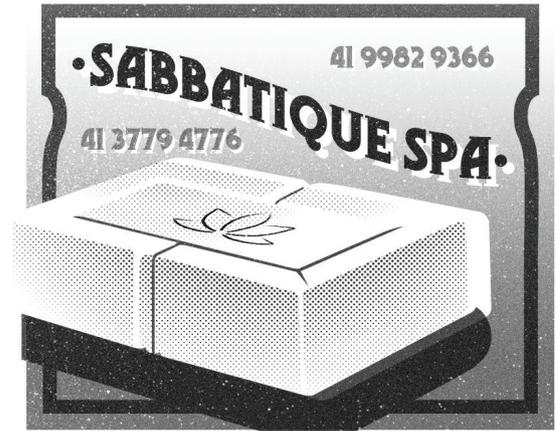
Era um não estar nos olhos dele  
Que se abria  
Para os nossos dias-desejo  
De chuva-sol-amor-fusão  
Saliva slow-motion  
Boca-pescoço-umbigo  
vinho tinto, milho branco  
mamão gelado  
gengibre com canela  
olhos de querer  
especiarias orientais  
dissolver pela boca  
transbordar maremoto  
O universo todo além do invólucro atmosférico de Netuno. •



AVENIDA MANOEL RIBAS, 2532 ARAUCÁRIA-PR 41 3643-4881



PRAÇA VICENTE MACHADO, S/Nº ARAUCÁRIA-PR 41 3642-2337



SABBATIQUESPA.COM



RUA AMINTAS DE BARROS, 270

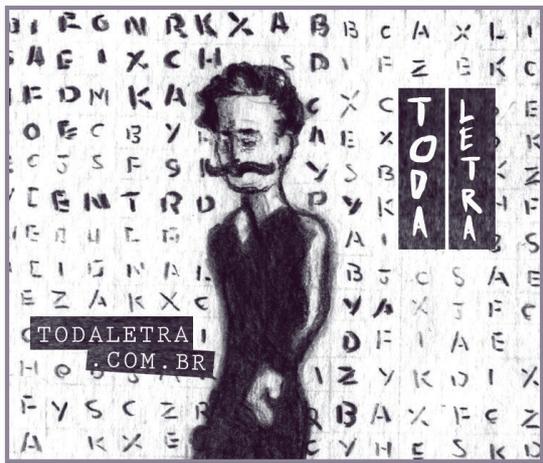


◆ **SANTIAGO BEIS QUARTETO** ◆ SHOW LANÇAMENTO "CIDADE"

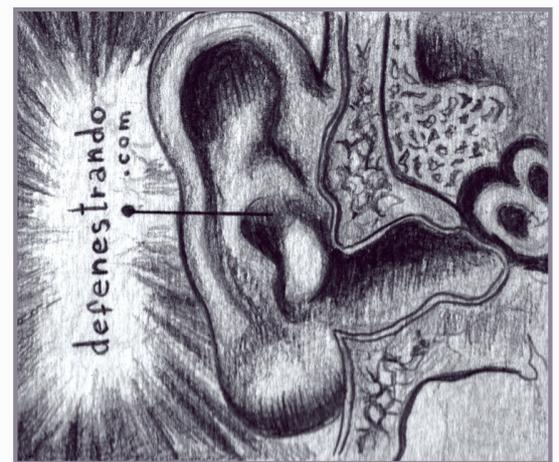
PAÇO DA LIBERDADE  
SALA DE ATOS  
10 DE ABRIL 20 HS  
COMERCIÁRIOS/ESTUDANTES 10,00 RS  
NÃO COMERCIÁRIOS 20,00 RS

SANTIBEIS.BANDCAMP.COM

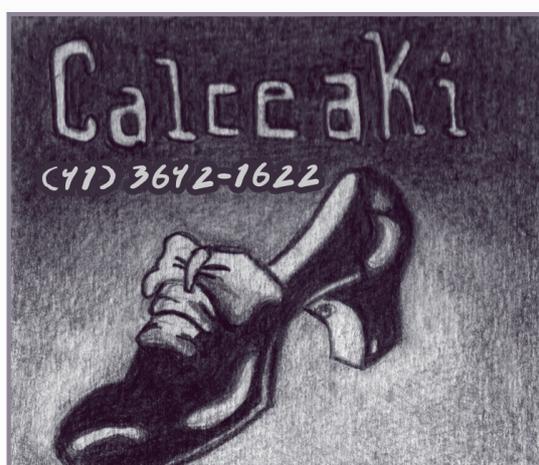




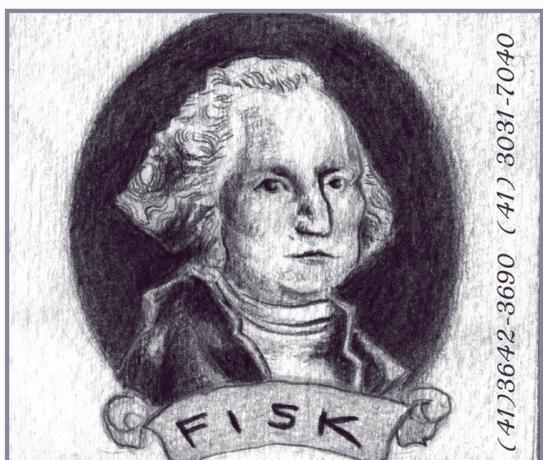
R. ALFREDO BUFREN, 51, CENTRO - CURITIBA/PR



AV. DR. VICTOR DO AMARAL, 1020, CENTRO - ARAUCÁRIA/PR



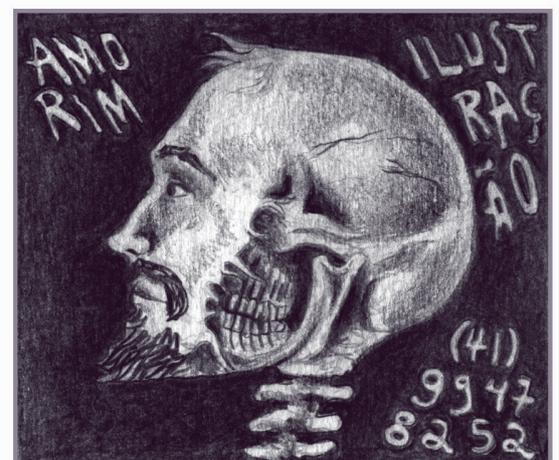
AV. DR. VICTOR FERREIRA DO AMARAL, 342, CENTRO - ARAUCÁRIA/PR



R. JOÃO PESSOA, 35 - ARAUCÁRIA/PR



R. JOÃO BETTEGA, 396, LJ.1, PORTÃO - CURITIBA/PR



# Robson Vilalba

Eu vejo o passado desenhado na rua  
 Por um tijolo quebrado  
 Ocre e frio  
 De um dia que ontem ensolarado  
 pé de subir  
 brincadeira de roda  
 hoje vazio  
 Como uma cadeira sozinha na causada  
 sem árvores, nem sombra, nem tardezinha ou companhia

Eu vejo a marca de sangue ao lado do mato  
 das derrotas nas brigas na escola  
 das vizinhas falando todas cheias de histórias e mais  
 histórias das uma das outras

Aperto os olhos da memória  
 suporto o nó que dá a garganta antes de cuspir

Ninguém me percebe  
 e depois de muito tempo alguém me aponta e me  
 escolhe pra jogar bola  
 mas logo vem a chuva e o desenho se apaga  
 apaga também toda a causa  
 de tudo que é fato, remorso, impressão ou saudade só  
 fica um borrão  
 a sensação de que acabou o dia

de vida de vidro

e tijolo quebrado



Andrey Kutchma

# Bogotá, dia 2

Cristiano Castilho

Dez. Acordei e pensei que fosse mais cedo. Havia café ainda, e aqueles pãezinhos-croissants, fofos e deliciosos. A Barbara, a canadense, saiu cedo para andar 125 km de bicicleta. A vi acordando – quartos de hostels têm disso, a intimidade compartilhada de supetão.

Barbara fez flexões na cama às 4 da madrugada. Ginástica com os braços e pernas. Entortou o pescoço. Algo muito profissional. Durou meia hora, e não sei se durante esse tempo percebeu que eu a vigiava. Talvez tenha atingido a idade de “não se importar mais” com essas coisas. E aí Barbara saiu para pedalar. Voltou quando eu estava comendo os pãezinhos. Desejei-lhe boa viagem. Sabíamos que nunca mais iríamos nos ver.

\*

No domingo, há uma feira grande na região chamada Usaquén, um bairro ao norte de La Candelaria, onde estou agora. É como a Feira das Pulgas de Curitiba, embora em uma área mais nobre, cheia de bonitos prédios com tijolos à vista – estou certo de que metade das construções de Bogotá tem tijolinhos à vista. Cruas, elas são exatamente como os seres humanos mais interessantes, que revelam sua beleza quando estão expostos e de certa forma incompletos.

\*

Andrés, o cara do hostel, riu quando perguntei se precisava mesmo tomar uma BUSETA para ir até Usaquén. Traduziu para o sueco sereno que trabalha no hostel – até alguns meses ele era o responsável por carregar as bagagens no aeroporto de Malmö, a cidade do Ibrahimovic, e hoje vive em Bogotá. Tem 19 anos e pega a colombiana dona do hostel. “Buseta é vagina em português!”, gritou Andrés, apontando para o meio das pernas com a mão em forma de concha. O sueco não entendeu nada, mas sabia de tudo.

(Estou derretido por uma holandesa chamada Iris que vi há dois dias no hostel. Só conversamos agora, motivados pela gata Nutella, que acaba de dar um pulo ninja para cima da mesa dos computadores. Mostrei à holandesa os arranhões que Nutella me fez quando inventei de tentar coçar sua barriga. É sabido que gatos demonstram total confiança quando finalmente nos deixam tocar em seu pescoço ou na barriga, áreas sensíveis e alvo preferido de antigos predadores. Iris, com toda a suavidade insinuante que têm as pessoas desse país, disse que com ela aconteceu o mesmo. Iris pretende ir para o Brasil em fevereiro. Carnaval.)

Comprei café em grãos na feira de Usaquén. Um francês soube vender bem. Também paguei por uma miniatura de buseta. Presentinho. Havia gentes de todos os tipos na rua. E cachorros com focinheiras de metal. No guia havia a indicação de um restaurante famoso chamado Café La Tienda. Esqueci o nome do prato que estava escrito com giz cor de rosa em um quadro negro, mas consiste em um monstruoso pedaço de porco feito no forno, lentamente. Crocante por fora, macio e suculento por dentro. Vem com batata, aipim, arroz com coco e banana. Tudo aqui vem com banana, plátano. Tive de preencher uma ficha para avaliar o serviço e a comida. Escrevi “excelente” em dois de quatro itens. Você precisa ser menos complacente, Cristiano.

Tomei a buseta para voltar. Minhas pernas não cabiam. Os joelhos raspavam no banco da frente. Lembrei de quando viajei em um ônibus assim na Bolívia por mais de dez horas, o inferno. Mas ali era só meia hora. Foi divertido e arriscado, tendo em vista meu senso de localização idiota, descobrir onde descer. Era na carrera 4 ou na 5? Desci na 7 por segurança. E, ainda sob o sol das 17 horas, começou a chover. Clima de montanha = sol de novo em três minutos. Por isso há sol e infinitos guarda-chuvas.

\*

Tirei uma soneca e continuei a ler Beijar o Céu, coletânea de textos de Simon Reynolds – os ensaios sobre o início da cena pós-punk em Manchester (The Fall e Joy Division) são magistrais. Não foi combinado, mas um inglês chegou ao hostel com seu jeito inglês, falando alto sobre política. Óculos grandes, pulôver de lã com bolinhas e uma arrogância típica. Agora ele está bebendo chá, sentado no sofá vermelho.

\*

Amanhã farei um passeio de bicicleta com uma mexicana e uma ucraniana que moram na Alemanha. E com outra canadense, que nasceu em Taiwan e vive em Vancouver. Ela fala grosso e é agitada. E também com Jonathan, um australiano muito amigável, embora disso eu ainda não saiba. Vou convidar a holandesa, que agora vê vídeos de Feist no YouTube, plácida e lindamente. Ela não vai. O sueco brinca com Nutella, que está espichada de barriga para cima. O inglês bebe uma cerveja, sozinho, como se ouvisse “She’s Lost Control.” Três da manhã e o mundo inteiro aqui. ●

Poucos assuntos são mais desagradáveis do que falar de ex. No entanto, algumas circunstâncias colocam a gente de fuça para o passado, seja para nos envolver numa vibe “ai, como era bom” ou nos jogar no sentido oposto, com aquele maravilhoso sentimento de “ainda bem que tudo acabou”. O pior de tudo é transitar na área cinzenta; saber que hoje você está melhor e ainda assim sentir falta de várias coisas.

Foi o que aconteceu essa semana, quando reencontrei com a minha ex. Não sou de ficar falando dos meus relacionamentos pra geral, mas às vezes a gente precisa falar para superar, certo? E, afinal, foi quase uma vida (a minha, ao menos) juntas.

Eu era apaixonada por Brasília. A gente se dava super bem, a gente combinava. Era do tamanho certo pra mim, sabe? Acontece que faz uns dois anos que terminamos, algo meio abrupto e, pra falar a verdade, nenhuma das duas queria. Mas assim foi.

Fui visitá-la esses dias e folguei em saber que ela ficou bem depois do término. É engraçado a gente rever alguém com quem deixamos de nos relacionar; sempre rola uma vontade de mostrar, na superfície, o quanto sua vida vai bem, obrigada. Vira uma competição velada de “The Quem Se Deu Melhor Show” – enquanto as verdades inconvenientes aparecem somente para quem frequenta os bastidores.

Ia dizendo que ela parecia bem: a cara renovada, as obras que na minha época a deixavam mal-arrumada já finalizadas e funcionando direitinho, até os ônibus que ela usava tinham mudado. Estava mais moderna, verdinha, até úmida!

Ela me sorria, a aparência saudável e satisfeita em me rever, mas algo nela me incomodava. Algo que ela sempre foi, mas que eu não fui capaz de reparar ou sentir quando estávamos juntas. E como eu podia achar aquilo normal?

Agora era tão evidente: o quanto ela é distante, até superficial. Com ela, são longos minutos dentro do carro em um silêncio constrangedor, uma falta de assunto, olhar pra fora e só um grande vazio preenchido de verde, distâncias gigantes, mesmo em percursos banais. Tantos hiatos silenciosos e eu achava que era a personalidade dela, normal, as coisas são assim; mas o tempo todo era uma demonstração de quão pouca consideração ela tem por mim (e talvez ela seja assim com todos!). Porque manter seu estilo é mais importante que se aproximar das pessoas.

A superficialidade também me saltou aos olhos. Não tem um quê de psicopatia alguém que não tem altos e baixos? Brasília é a timeline daquela pessoa que só posta o quanto está feliz, fotos no clube, champanhe, céu azul, só momentos bons – e eu hein, tenho medo disso. Uma timeline plana, uma vida de uma nota só. Ela é igual todos os dias, igual para onde quer que se olhe. Não importa o ângulo: igual.

Brasília é essa moça que posa de moderna, mas é tão asséptica quanto aquela sua tia com mania de limpeza. Obcecada demais com a perfeição, em se manter sempre na mesma forma para a qual foi planejada desde que nasceu. Mas fia, as coisas mudam, as coisas envelhecem. Deixa estar. Mas não: ela continua nesse esforço de manter-se sempre a mesma porque sabe que é isso que a deixa tão bonita, tão atraente. E realmente, tem quem goste, cada um com seu charme. Mas, na real, acho que ela superestima demais suas curvas.

Eu meio que já sabia disso, mas só confirmei hoje porque não estou mais com ela: o negócio é que Brasília vive de aparências. Por isso não consegui sustentar por muito tempo a crença de que, por trás daquele sorriso de boas vindas que ela me estendeu para dizer que estava tudo bem, estava alguém que não tinha mudado, alguém que continuava cheia de neuras e de problemas.

Essa personalidade distante fez dela alguém solitária, no final das contas. Estranhei andar pelos seus pontos mais movimentados e quase não ver gente (também porque fiquei mal-acostumada nesse tempo em que ficamos separadas). Calçadas tão largas e tão vazias – nem feriado era. A W3-Sul, um detalhe do seu corpo que me fazia sentir tão em casa – comparecia sempre –, me pareceu decadente, até triste. Abandonada. Não quis sentir pena dela, acho que Brasília é altiva demais para merecer pena; quis acreditar que minha tristeza era nostalgia.

Porque ela é complicada sim, como diz quem vem de fora e reclama das dificuldades de lidar com ela; mas indo mais fundo com a convivência, sei que há muita coisa boa a respeito dela. É que de ex, você →

sabe, geralmente só fica rancor, implicâncias e a vontade de sentir pena – apenas para se sentir um cadim superior. É preciso um pouco mais de esforço para lembrar do que nos mantinha apaixonadas.

Se por um lado ela é distante, por outro se abre para quem decifra seus códigos; me sentia íntima, tão dela, quando ela não precisava dizer muito – mais do que siglas – para que eu a entendesse. Piadas internas. Um vocabulário todo próprio, que parece ser uma coisa, mas significa outra: pardal, camelo, zebrinha, buraco do tatu, tesourinha, bloco, baú, balão. E tão bonitinho ela se achar grande, urbaníssima, e ter aquele jeitinho de menina de interior. Poder andar no centro e me sentir num parque. Poder sentar no pilotis de um prédio – qualquer prédio – e curtir o pós-almoço preguiçosamente ao som da sinfonia de cigarras e o vento batendo nas árvores. O andar lento de seus habitantes, até o metrô vai sem pressa sobre os trilhos. Passeios.

Ah, e a pamonha que ela faz. Sinto tanta saudade. Não é a melhor do mundo, mas ela faz muito bem; aprendeu com a tia goiana. Quando fui visitá-la, ela fez questão de me servir uma, e capaz de ter sentido prazer ao ver, pelos meus olhos brilhantes e boca cheia de saliva, que a outra não me faz pamonhas tão boas.

A outra. Ela tinha que tocar no assunto. Quis saber como eu estava arranjada com São Paulo – e eu tentando não comparar, porque esse é um caminho perigoso para seguir. Pra quê ficar comparando o que é notoriamente diferente, como se fosse possível – ou justo – eleger melhores e piores? Contei como estavam as coisas com a atual, falei um pouco de como ela era (complicada, à sua própria maneira) e das coisas boas que eu estava vivendo com ela.

Deve ter batido um recalque, porque ela comparou São Paulo a uma mulher com maquiagem borrada. Seca, suja, barraqueira, agressiva. Tão sem tempo que está sempre desarrumada. Às vezes com um cheiro desagradável e, nossa, ela é velha demais para você, ela me disse. Não existe amor em SP, ela cantarolou fazendo a sarcástica, como se existisse amor nela também. Gata, não: esse papel de ciumenta não lhe cai bem.

Volta pra mim. Custava a ela dizer isso, mas em todos os seus gestos a presença sutil desse apelo. Não porque sentisse minha falta, já que mostrou com clareza que estava vivendo muito bem sem mim; mas porque queria se sentir amada, desejada (e quem nunca, né?). Queria com isso ter a satisfação de saber que ainda exercia algum domínio sobre mim.

Este é aquele momento crítico em que a gente se sente tentada a ter uma recaída, e o arrependimento que vem depois (quase sempre) é batata. As malditas lembranças de uma vida juntas sempre nos puxam para querer sentir aquele gostinho de novo – e mesmo a gente sabendo que é arsênico, vem a vontade de provar. Burrice, puta burrice. Quando a gente vê, está enroscada no mesmo tipo de cilada, nos mesmos problemas de sempre e só aí a gente se dá conta. “Ah, foi por isso que a gente não deu certo”.

Bem, não vou dizer que fui forte. Dormi com ela algumas noites, mas não passou disso. Sequer passamos por algum tipo de revival romântico, porque as diferenças e conflitos entre nós não deixaram. Foi um encontro de desencontro: ali soube que a gente não se encaixava mesmo, que eu não tinha mais lugar junto a ela. Já diria um filósofo contemporâneo: “não precisa sofrer para saber o que é melhor pra você”.

Não rola, Brasília, não rola. Dei adeus para uma cara emburrada, ela muito frustrada porque as memórias que eu tinha com ela não eram o suficiente para me fazer ficar. “O que ela tem que eu não tenho?” De novo as comparações, ela não superaria tão fácil o fato de alguém largá-la para ficar com São Paulo (“Logo SP! Absurdo! Se fosse pra ficar com o Rio, eu entenderia! Mas SP, sabe”).

E eu, que não estava nem um pouco a fim de seguir pelo caminho das comparações e nutrir qualquer tipo de competitividade entre as duas, resolvi ser bastante franca com Brasília – e colocá-la definitivamente na posição de ex: porque São Paulo, gata, pode não ser perfeita; mas ao menos ela sabe que não será a única nem a última.

A vida é deixar um rastro de ex por onde se passa. ●

# ENTRE AS COISAS

*Juliana Cunha*



Andrey Kutchma

Tem um preceito zen que diz que precisamos colocar espaço entre uma coisa e outra. Acredito nisso, espaço entre uma coisa e outra. Espaço físico, por exemplo. Desespero desses projetos arquitetônicos que se gabam de tornar minúsculos cubículos “funcionais”. Viver não é agrupar artefatos de modo funcional. Não é fechar a porta que esconde a cama e abrir a que desdobra uma mesa com cinco minúsculos banquinhos quando as visitas chegam. Me parece que uma casa deveria ser qualquer coisa além disso. Uma casa deve ser mais do que uma cova engenhosa para vivos.

Espaço temporal, também. Colocar meses entre os acontecimentos. Espaço entre as pessoas parece um bem necessário. Espaço entre o trabalho e o outro trabalho. Entre o trabalho e o lazer. Não sair do trabalho direto para o bar. Colocar qualquer coisa entre duas atividades. Viver também não devia ser otimizar o tempo. É importante não otimizar o tempo. O fato de as coisas caberem não significa que elas deveriam estar lá. Agendas e apartamentos estão aí para provar a diferença.

No cinema, a função dos créditos e dos trailers — para além da publicidade, para além de dizer que Rafael fez a fotografia — é colocar um espaço entre a ficção e a realidade. Um espaço entre o sujeito que chegou da rua e o espectador. São dois sujeitos, precisam ser reconhecidos como tal.

Certa vez fiz uma matéria sobre uma câmara de gel em uma academia de ginástica. Uma parafernália futurista onde você entrava, deitava e ficava, com luzes azuis ao redor. Era como dormir por oito horas, explicava o fabricante. Era como renascer, dizia uma frequentadora. Uma neurologista disse: as pessoas precisam não fazer nada. Quem vender isso, vai ficar rico. Aqui em casa, a câmara atende pelo nome de rede e não funciona tão bem, não substitui oito horas de sono. Ao contrário, exige um sono sem cronômetro e cochilos sem premeditação. Também não renasce ninguém. Basta deitar nela para se sentir velho, muito velho, com um longo passado que vai e volta. Não estamos ricos, mas é importante não funcionalizar a rede.

# Edu Hoffmann

-  
.  
fratura exposta na galeria  
.  
.  
desembrulho cada palavra  
    feito bala  
    na agulha  
.  
um sol bem banal  
debaixo da bananeira  
    guri se abana  
-  
o mundo gira e a Lusitana roda

    nesse sacolejo  
    melhor morrer de vodca  
    do que de Tejo

-  
kama-sutra

    ...e se faz de sonsa  
    com minha varinha curta  
    cutucar a onça

-  
nunca foi afoito  
traz sorriso 3 x 4  
e a pressão 12 x 8

-  
    e se hoje Esther  
    quiser se abrir muito mais  
    que um fecho-eclair ?

-  
    quentão com gemada  
    em junho, sem as algemas  
    quero seus gemidos

-  
Óh Budha, Óh Brahma  
eu com todo esse fogo  
e ninguém me chama !

]-

    ah, minha sinhazinha  
    como é bom ouvir um blusão  
    tirando sua blusinha

-  
    nem lhe telefono  
    de quimono eu me deito  
    pingando de sono

-  
    vê, tudo tem nexo  
    nos teus lindos seios côncavos  
    minha mão convexo

RELEVO TESTES APRESENTA:

# TESTE DE PERSONALIDADE

**1 – Você chegou em casa e a sua cōnjuge está em posição de guerra perdida com o jardineiro. Suas camisas estão desaparecidas. Sua reação:**

- Que mulher ruim, jogou minhas coisas fora.
- Reclama com o jardineiro, pois ele tem o costume de não retirar os matinhos do canto da calçada.
- Pedes licença e pergunta se o café está passado. “Quase dez reais o quilo, um absurdo”.
- Caiu na rede, é peixe.
- Precisa ser umA cōnjuge? Qux jornxl heteronormativx e mxchxstx!!!
- Pronto, ninguém mais vai te encher o saco por aquela camisa do Teatro Mágico.
- Jardineiro?

**2 – “Quanto tempo tenho para matar essa saudade” é trecho de uma canção do:**

- Criolo.
- Pena Branca & Bacurinha.
- Chitãozinho & Sandyjunior.
- Criolo.
- Caetano Veloso.
- MC Livinho.
- Certeza que não é do Criolo?

**3 – O mundo te condena. Por quê?**

- É chato e ouve Mumford & Sons. Ou chato porque ouve Mumford & Sons.
- Tem tatuagem de anime.
- Admira e conversa com plantas.
- Aplaudes ao fim do Hino Nacional. Ou recrimina quem aplaudes ao fim do Hino Nacional. Tanto faz.
- Se define como escritor.
- Faz artesanato.

**4 – Chove muito lá fora. Um pedestre, embaixo do ponto de ônibus, pede-lhe carona. Entre vocês, uma poça. Um pedestre. Uma poça. Seu carro. O que você faz?**

- Ouve “Take My Breath My Away” mais alto.
- Acena, pois é educado.
- Escreve um conto. Que, por sinal, já nasce uma bosta.
- Escreve um poema. Que, adivinha só, você nem vai saber que é uma bosta porque ninguém vai ler.
- Chama-o para dentro, dá dicas de financiamento e repassa tudo o que você sabe sobre direção – mas não dá carona. É preciso ensinar o sujeito a pescar, não dar o peixe.

**5 – O seu salário acabou. Você:**

- Estranha, pois não tem salário.
- Chama o síndico.
- Pensa em formas mais audazes de usar o corpo, como tocar xilofone com o pé.
- Cursa História. Não é de aprender com os erros.
- Reclama no RH e diz não ser valorizado por tudo aquilo que é. Porém, reconsidera o seu recente probleminha com o uso abusivo de substâncias e relembra que a empresa pagou seu tratamento no ano passado.

**6 – O avião está caindo. Você:**

- Grita como um filho da puta.
- Escreve um conto “suuuper realismo fantástico”.
- Admite ser gay para o seu filho pequeno. Mas lembra que ele morreu no parto, há seis anos, juntamente com sua ex-mulher.
- Desconfia da informação e aconselha os demais passageiros: “cuidado com a mídia golpista”.
- Aguarda calmamente, pois a religião é o ópio do povo; mesmo que o povo esteja na British Airways.
- Apalpa o gordo ao seu lado até que ele olhe apavorado. Aí diz: “Gordo”.

**7 – Cuba em uma palavra. Ou mais palavras:**

- Libre
- Cubalança.
- Cubanajarra.
- Cubarulhos.
- Cualho, ou Zona Erógena Localizada Entre o Ânus e o Pênis dos Meninos.
- Cunnilingus.
- Cuba
- Tudo.
- Gooding, Jr.
- Charuto.
- Jakub Błaszczkowski
- Céu. Cantora.
- Céu. Da boca.
- Céu. A morada do nosso amor \*-\*
- Ceva.
- A opção acima não faz sentido nem pra esse teste.

**8 – O que é um dia louco para você?**

- Assistir Girls e usar mais de 100g de Tumblr.
- Open Bar na festa do diretório acadêmico, uma stripper para cada estudante que tiver no mínimo duas dependências, pessoas cheirando cocaína no seu pau, alguém com um cone roubado do posto da polícia na cabeça, sua ex-namorada pegando seu melhor amigo, sua professora milf pegando sua ex-namorada e seu melhor amigo, Jurupinga, pole dance, você no pole dance, você sendo enrabado pelo seu melhor amigo.
- Ver Deus.
- Ver o Totti.
- Ver o Verón.
- Vera Verão?
- Quê?
- Morreu quando mesmo?
- 2003.
- Cacete, faz tempo.
- Pois é...

**9 – Você torce para o Paraná Clube?**

- Por quê?
- Quando?
- Ok.
- Puxa.
- Quatro.
- Massa.
- Foda-se.
- Só entre jornalistas.

**10 – Você em uma frase:**

- “Perdi vinte em vinte e nove amizades”.
- Aqui é Curíntxa.
- Todas do “Eu Me Chamo Antônio”.
- Água. Sol. Sereno. Balões coloridos.
- água. sol. sereno. balões coloridos.
- Qualquer uma que termine com “só que não”, pois meu cérebro é um peso morto.
- Minha caceta.
- Quem se define se limita. Na minha caceta.



**Boa notícia: descobriu-se que o único critério usado por Deus para permitir a entrada de almas no paraíso é a quantidade de barrinhas de cereal ingeridas durante a vida. Má notícia: elas estão cada vez mais caras.**

Bolívar Escobar

Relatos acerca de um abacaxi falante remontam à era Tokugawa, no Japão quase-moderno de 1875. A infrutescência, então já dotada do pleno domínio da língua japonesa e encontrada por um feirante (também de nome Tokugawa) em meio às caixas de suas mercadorias, foi levada ao palácio do xogum da região como prova de manifestação divina. Dentro de semanas, conforme os relatos procedem, o abacaxi falante (パイナップルスピーカー no original japonês) atraiu milhares de visitantes e peregrinos de diversas áreas do Japão, pois além de falar, o abacaxi também era extremamente compreensivo e dava ótimos conselhos, dicas de nutrição, conseguia dizer se a esposa estava traindo ou não e soltava piadas engraçadíssimas de hora em hora. Uma piada é uma pequena história que tem algum detalhe que faz as pessoas rirem. Dizem que a melhor receita para criar uma piada é esperar o tempo passar.

Sábios andarilhos de todos os lugares do mundo vieram conversar com o abacaxi, pois ele também era bastante entendedor da natureza do universo e das cousas sinistras da mente humana (da mente de outros abacaxis ele jamais falou uma palavra). A magia continuou a encantar os habitantes da ilha do sol nascente até que um belo dia, o Samurai Tanaka resolveu dar uma volta pelo centro daquele vilarejo. O Samurai Tanaka era conhecido por ser um ótimo espadachim. Um “samurai” é uma espécie de guerreiro japonês que luta com espada e arco e flecha e protege alguém mais importante que ele. Um “Tanaka” é um nome normal japonês.

Samurai Tanaka tinha apenas 8% da sua audição ainda funcionando, vítima de explosão em uma mina de minério de ferro que danificou ambos os seus tímpanos. O Samurai Tanaka não era capaz de ouvir nada mais baixo do que o uivo de um lobo a cinco metros. Eis que o nobre guerreiro avistou o abacaxi. Exposto em um pedestal, tinha em sua frente uma mulher chorando, provavelmente desiludida com a vida e esperando sábios conselhos da fruta. Conselhos servem para duas coisas: para ajudar pessoas desiludidas com a vida, e para enriquecer os donos de algumas editoras e igrejas. Esse primeiro uso, no entanto, é ainda controverso.

O nobre espadachim viu a mulher ajoelhada perante o espinhoso fruto e pensou se tratar de mais um caso de fruta com casca dura demais para ser descascada. Um clássico cenário de frustração do usuário. O Samurai Tanaka se aproximou do púlpito e, com um movimento extremamente rápido, sacou sua espada, decepando a coroa do abacaxi. Com outros rápidos balanços de espada, Samurai Tanaka descascou por completo a fruta, fazendo-a cair de lado, mostrando

sua amarelada polpa. O abacaxi parou de falar. Samurai Tanaka não sabia que o abacaxi falava. Ele não ouvia o suficiente para captar a voz daquela fruta, nem de nenhuma outra que falasse. As pessoas de antigamente costumavam enfiar espadas e outras lâminas nas coisas que elas não gostavam, incluindo outras pessoas.

Justamente por esse motivo, o Samurai Tanaka foi obrigado a enfiar a lâmina de uma faca em si mesmo, por ter destruído o único abacaxi falante que já existiu. Quando um samurai enfia uma lâmina em si mesmo e se mata, significa que ele está pagando com a vida pela sua falta de honra. Não há outros relatos de frutas falantes no mundo. Há vários outros relatos de pessoas que se matam. São os chamados “suicídios”. O suicídio pode ser tratado como um problema psicológico, como um problema social, como um problema filosófico ou, como no caso do samurai Tanaka, não como um problema, mas sim como a solução.

Damos o nome de “problema” para as coisas chatas. Ou seja, para algo ser um problema, esse algo precisa ser, antes de tudo, um negócio bem chato. A maioria das pessoas não gosta de coisas chatas. Existem coisas muito chatas e existem coisas pouco chatas, mas quando algo é chato a ponto de se transformar em um problema, significa que temos então escalas de chatice que se elevam a ponto de termos que criar coisas novas para fazer frente a essa desgraça toda. A filosofia está bastante relacionada a isso.

As coisas podem já nascer chatas ou se tornarem chatas. O abacaxi falante do Japão nunca foi algo chato, mas poderia ter se tornado, caso alguém começasse a se questionar sobre a impossibilidade da fala em hortaliças, ou sobre como uma fruta dotada de consciência, fala e bom humor poderia alterar a noção que o ser humano tem de coisas como Deus ou a vida após a morte. As pessoas tem esse dom de deixarem as coisas chatas às vezes. De novo, a filosofia está relacionada com isso.

Não que a filosofia seja a ciência (ou a não ciência) que estuda a chatice. Não é isso. Se for pra colocar dessa maneira, eu diria que a filosofia é a arte de se posicionar com sagacidade em relação ao lado chato das coisas legais. Porque, claro, se o primeiro pré-requisito para algo ser um problema é esse algo ser chato, então o pré-requisito para algo ser chato é ser, antes de mais nada, inevitável. Uma pessoa sagaz é uma pessoa que nunca na vida perdeu dinheiro ou outros bens valiosos por estar distraída.

FLORA ROCHA  
**DESTINATÁRIO**

Anoiteceu inverno. A ventania uivava e as cortinas dançavam temor. Tomou um gole e inventou de enfrentar o vento. Sentou na janela e fez coragem. Ainda era inverno e a noite carregava o céu. Ainda era noite e lá embaixo ouvia as folhas secas que acompanhavam o vento e as cortinas. Outras janelas como olhos miravam a sua, mas em silêncio se convenciam de que nada podiam ver. Envergonhava-se da chuva e escondia-se nas cortinas. A ventania dura enfrentava sua coragem e fazia frio. Não faz assim, vento! Não faz assim...

Adormeceu chovendo.

Na manhãzinha, a janela soprou. As cortinas abriram o céu e o sol fez-se sobre

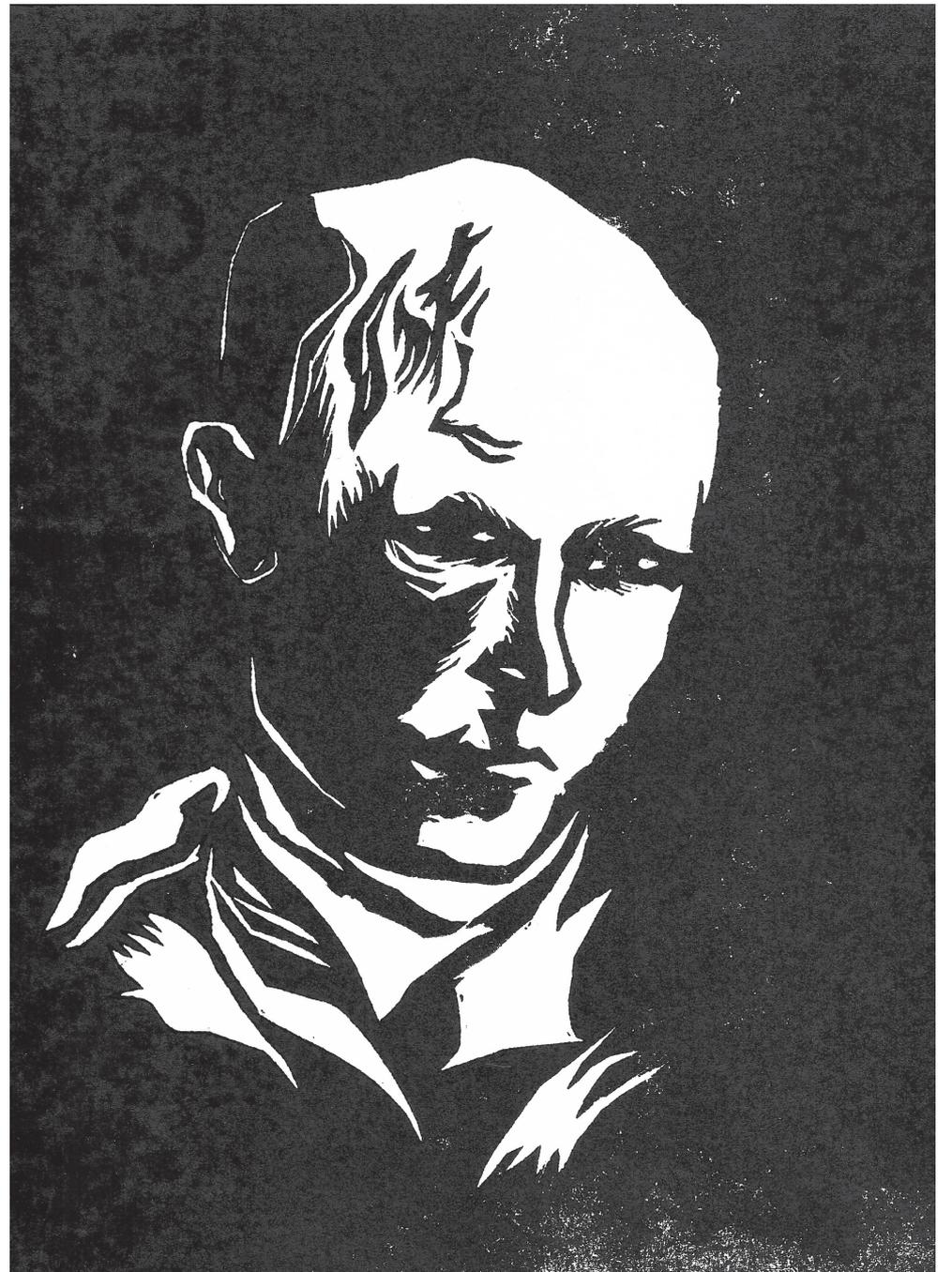
novas flores.

Amanheceu e não fazia frio. Um azul riscado anunciava a nova estação e o vento cantava com os passarinhos. Foi ver o que nascera ali. Varreu a folhagem morta e deixou secar sua chuva também. Feito olhos e janelas mirou o céu,

o sol

e vendo-se florir

recebeu a primavera.



Andrey Kutchma

# Do not go gentle into that good night

Dylan Thomas

*Do not go gentle into that good night,  
Old age should burn and rave at close of day;  
Rage, rage against the dying of the light.*

*Though wise men at their end know dark is right,  
Because their words had forked no lightning they  
Do not go gentle into that good night.*

*Good men, the last wave by, crying how bright  
Their frail deeds might have danced in a green bay,  
Rage, rage against the dying of the light.*

*Wild men who caught and sang the sun in flight,  
And learn, too late, they grieved it on its way,  
Do not go gentle into that good night.*

*Grave men, near death, who see with blinding sight  
Blind eyes could blaze like meteors and be gay,  
Rage, rage against the dying of the light.*

*And you, my father, there on the sad height,  
Curse, bless, me now with your fierce tears, I pray.  
Do not go gentle into that good night.  
Rage, rage against the dying of the light.*

# Não entre nesta boa noite com brandura

Trad. Danilo Augusto

não entre nesta boa noite com brandura  
os velhos devem arder e ferver ao fim do dia  
então arde, arde contra essa morte escura

embora os sábios queiram a treva que é cura  
quando a fala já vazou tudo o que irradia  
não entram nesta boa noite com brandura

os justos ao último aceno clamam a alvura  
da dança dos seus atos em uma verde baía  
e ardem, ardem contra essa morte escura

os ferozes que roubam o sol em sua cúpula  
e entendem tão tarde os danos desta via  
não entram nesta boa noite com brandura

os graves moribundos veem que não dura  
a luz dos seus olhos como chamas de alegria  
e ardem, ardem contra esta morte escura

e você, meu pai, nesta triste altura  
me maldiz ou ilumina com sua lágrima fria  
mas não entre nesta boa noite com brandura  
arde, arde contra essa morte escura

# Carta a um jovem doutorando

Karina Kuschnir

*Rio,  
Querido amigo,*

Ontem nos encontramos e você estava tão abatido, falando em desespero, Rivotril, caos... Não, eu não pensei que você estava fraco ou incapaz... Ao contrário: te ver me fez voltar no tempo, aos meses que antecederam a minha defesa de doutorado e ao estado em que cheguei naquela época. Quando o pior passa, é fácil a gente esquecer. Mas não esqueci. Vou te contar.

Em primeiro lugar, a culpa não é sua! É do seu orientador, claro. Têm dois tipos, os dois irritantes: aquele que não sai do seu pé, que não para de cobrar os próximos capítulos ou mandar refazer os anteriores; e aquele que não está nem aí, que não lê nada que você entrega e ainda resolve viajar quando você mais precisa dele.

O meu era do primeiro tipo, e o meu sofrimento começou quando ele resolveu marcar a defesa da tese com seis meses de antecedência. Bem no momento em que eu não via luz no fim do túnel, nem o próprio túnel! Aquele prazo (e tudo que ele significava) teve vários efeitos sobre mim.

O primeiro foi o “efeito paralisante”: toda vez que eu sentava para escrever, só conseguia pensar em assistir *Friends*. Esse é um dos meus sintomas típicos nos momentos de fuga. Passo a adorar coisas que normalmente odeio: comer pipoca cor-de-rosa, ver novela antiga na hora do almoço, inventar uma faxina geral nas tralhas da casa.

O segundo foi o “efeito obsessão-pelas-leituras-que-eu-não-fiz”: você passa a procurar por todos aqueles textos que tem certeza de que xerocou (ou que salvou em PDF). Você se convence de que os rumos da sua tese dependem de algum autor que você não leu, de algum artigo que estava em algum lugar, mas você não se lembra.

O terceiro foi o “efeito preciso-organizar-mais-os-meus-dados”. Especialmente quem faz etnografia sofre desse mal (incurável). Primeiro você decide que não pode escrever a tese se não passar todos os diários de campo a limpo, transcrever pessoalmente todas as entrevistas gravadas, organizar todos os documentos e fotos que juntou ao longo dos anos (felizes) em que só fazia pesquisa. Depois resolve classificar tudo em variáveis, em tópicos, em subitens, em palavras-chave, em diagramas e, finalmente, em sumários que vão resumir detalhadamente todo o conteúdo da tese. É isso: sem sumário não dá para começar a escrever! →

O quarto foi o “feito tudo-que-escrevo-é-horrível”. Pode parecer que não, mas a essa altura já sabemos muita coisa! Anos de mestrado e doutorado nos qualificam. Nossos parâmetros sobem; nossa capacidade de reconhecer um bom trabalho aumenta. Sonhamos com os professores mais admirados na nossa banca. Isso tudo forja um crítico interno implacável. Nada do que escrevemos chega aos pés dos nossos modelos.

...

Pronto: com esses quatro efeitos juntos, temos o “coquetel doutorando-derrotado”, como apelidou meu médico na época. Apesar das suas dezenas de diplomas, ele jurava que nunca ia deixar suas filhas fazerem doutorado (mas elas fizeram!), de tanto tratar de doutorandos doentes. Ele nos compreendia muito bem, porque era filho de mãe judia, daquela que só se satisfaz quando o filho ganha dois prêmios Nobel e em áreas diferentes!

Por sorte, esse médico olhava para mim e não para os meus exames. Ele se recusou a dizer que eu estava deprimida. Eu estava com sintomas-de-tese-de-doutorado-quase-atrasada: perda de peso, desânimo, palpitações, dor no corpo, torcicolo, insônia, tendinite... Receita: pegar sol, andar 20 minutos todos os dias, tomar vitaminas, comer bem e mandar o orientador adiar a defesa. E, como não sou de ferro, receitinha azul com um calmante leve para os momentos de desespero.

Claro que meus problemas não desapareceram — afinal, a tese continuava lá, por escrever — mas melhorei muito! Foi fundamental adiar o prazo e conversar com meu orientador sobre como eu estava me sentindo (orgulhosa, até então, quando encontrava com ele, insistia em dizer que estava “tudo bem”).

...

Te conto esses percalços não para me fazer de coitadinha, mas para te acolher e te mostrar que quase todos nós passamos por isso. Meu maravilhoso amigo Luis Rodolfo Vilhena, uma das pessoas mais brilhantes que já conheci, passou por várias dessas fases, adiou em um ano a defesa, e no final fez um trabalho primoroso. E também temos a companhia de intelectuais ilustres, como o Norbert Elias. Coloquei esse trecho da sua autobiografia ao lado do meu computador, para ler todos os dias de manhã:

“No que diz respeito à pesquisa, dispunha apenas de minha tese de doutorado para provar minha capacidade. E ela representava um trabalho duro. Tinha confiança em minhas capacidades intelectuais, e ideias não me faltavam. Mas o imenso trabalho intelectual que minha tese exigiu me parecera difícilíssimo. Só bem mais tarde fui pouco a pouco compreendendo que noventa por cento dos jovens encontram dificuldade ao redigir seu primeiro trabalho importante de pesquisa; e, às vezes, acontece o mesmo com o segundo, o terceiro ou o décimo, quando se consegue chegar aí. Teria agradecido se alguém me dissesse isso na época. Evidentemente pensamos: ‘Sou o único a ter tais dificuldades para escrever uma tese (ou outra coisa); para todos os outros, isso se dá mais facilmente’. Mas ninguém disse nada. É por isso que digo isso aqui. Essas dificuldades são absolutamente normais.”

Bem, esta carta já está ficando muito longa. Prometo que na próxima escrevo coisas mais úteis (e práticas).

Para terminar, te lembro que só há uma fórmula mágica — irritante — para escrever tese ou qualquer outro texto: uma palavrinha de cada vez.

bjs — força aí.

K.



Ugo Vêa

# Londres e Paris

Ele me viu entrar. No exato momento que a palma da minha mão retirou os poucos fios de cabelo que encobriam meu rosto, rapidamente eu olhei pra ele e ele olhou para mim. Nesse instante meu mundo congelou naquela cena. No clímax daquele script de peça teatral, talvez. Comédia Romântica, pensei, e logo depois de alguns cumprimentos, meras formalidades e gentilezas não sinceras, ele saiu do seu posto, do seu trono invisível de homem caçador a procura de uma caça, rompeu as barreiras da sala de estar, ultrapassou o corredor que dava pro hall de entrada do apartamento e me olhou com seus olhos castanhos. Eu suava frio. Tentei fugir. Passei as mãos sobre o vestido de brim bege claro. Sinais de instabilidade, insegurança, todos esses “ins” que vinham à minha mente. E foram muitos. Aquele homem me encarava como quem estava atento e preparado com seu bote para o próximo passo que eu desse, e qualquer movimento brusco que eu fizesse.

– “Boa noite.”

Ele disse interrompendo meu pensamento.

Sorri com os olhos.

– “Londres ou Paris?”

Perguntei. Mas por que eu perguntei isso, meu Deus?

– “Não entendi.”

Ele retrucou.

Agora não dava mais pra fugir. Ele estava ali na minha frente, esperando saber por que te perguntei isso.

– “Me responde.”

Agucei-lhe.

– “Depende...”

– “Depende de quê?”

– “De quem vai.”

– “Se você fosse, pra onde você iria?”

– “Depende também. E antes que você pergunte do que depende, adianto a resposta.”

Bebeu um gole da bebida que trazia consigo e ainda engolindo disse:

– “Depende de quem esteja comigo.”

E sorriu de canto de boca. Percebendo que eu estava ainda desnorreada com a resposta, lançou-me seu bote.

– “E você? Londres ou Paris?”

Pausa.

– “Não sei, eu disse.”

– “Não sabe?”

Não. Mas com você iria até a China, pensei comigo mesma e disse em seguida:

– “Nunca fui a Londres. Não sei escolher.”

Mas o que eu queria dizer mesmo ficou esmagado pela subjetividade do momento. Pequenas verdades.

– “E por que então a pergunta?”

Ele pareceu curioso.

– “Estava lendo sobre isso hoje à tarde em um daqueles folhetos de agência de viagens. Você sabia que são falados mais de trezentos idiomas todo dia em Londres?”

– “Não, não sabia. Fui a Londres uma única vez e tem certo tempo. Acho Londres uma cidade careta.”

– “Por quê?”

Fiz cara de espantada.

– “Chás cronometrados à tarde, realeza, castelos medievais... Acho tudo isso careta.”

Estava olhando-o fixamente e percebi que ele esperava alguma reação facial mais concreta ou um indício verbal de desagrado. Decidi surpreendê-lo.

– “Sei, entendo.”

Disse balançando a cabeça para cima e para baixo.

– “O que tem Paris com isso?”

Questionou a fim de mudar o assunto.

– “Paris não tem nada com isso.”

Afirmei distante.

– “E o que tinha no folheto sobre Paris?”

– “Nada.”

Pausa.

– “Aceita um drinque?”

– “Sim.”

Fomos caminhando até a cozinha. Ele na frente com seu porte de caçador conhecedor da floresta, eu logo atrás, discretíssima como sempre, dando passos lentos e delicados.

– “Uísque ou vodka?”

– “Vodka. Três pedras de gelo, por favor.”

Ele deve me achar muito meticulosa.

– “Quatro pedras de gelo.”

Ele acrescentou as pedras, balançou um pouco o copo e me entregou dizendo:

– “Aqui está. Você conhece Paris?”

– “Não tão bem quanto você.”

Respondi em tom provocativo, depois tomei um grande gole da vodka.

Continuei falando.

– “Os cafés, as galerias, os rios...”

Disse assim, tentando assim disfarçar a falta de conhecimento.

– “Paris é mais que isso.”

Ele retrucou.

– “Londres também é mais que chás, castelos e riquezas.”

Pausa.

– “Agora me responda rápido: Londres ou Paris?”

– “Você nunca esteve em Paris, não é?”

– “Você nunca esteve em Londres, não é?”

– “Não.”

– “Não.”

E nos beijamos ardentemente mesmo com todo aquele fuso-horário que nos separava.

Mateus Senna

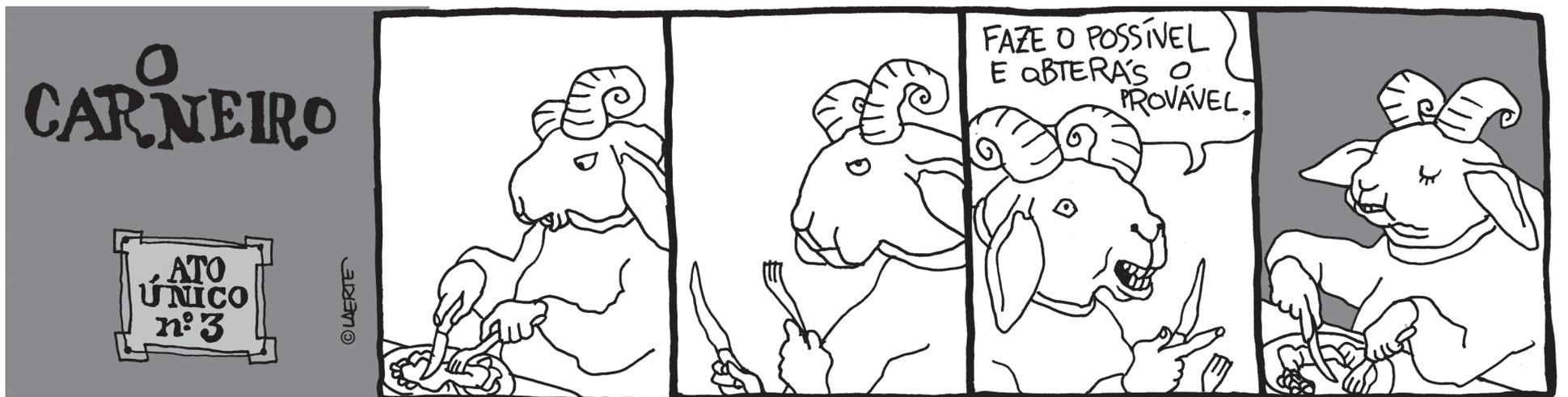
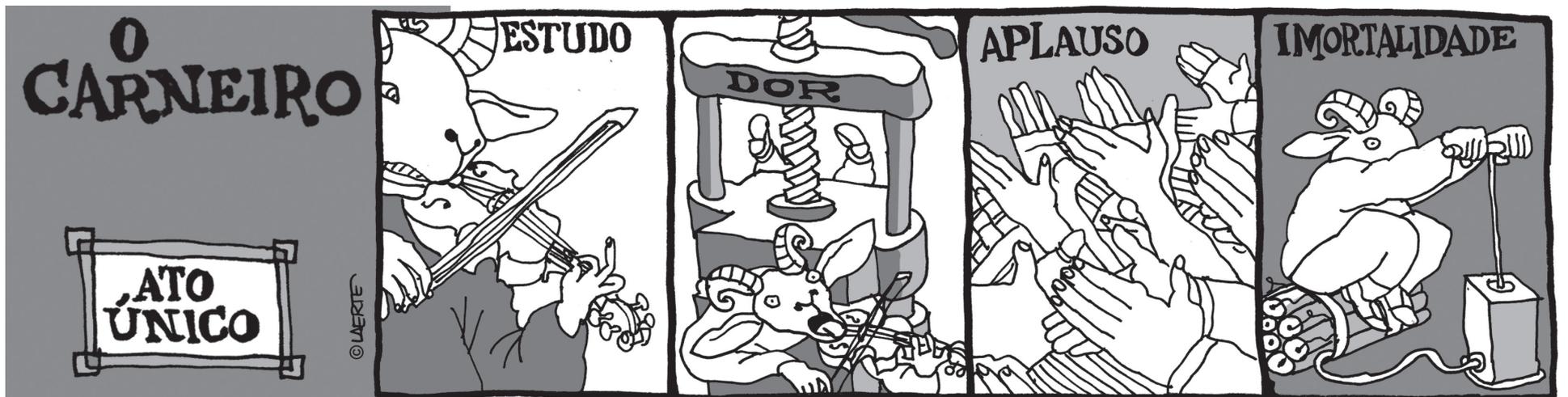
# APERREAMENTO

*Entre estas son las matanzas y estragos de gentes inocentes y despoblaciones de pueblos, provincias y reinos que en ella se han perpetrado, y que todas las otras no de menor espanto. (Fray Bartolomé de Las Casas. Brevísima relación de la destrucción de las Indias)*

Os limites da crônica são a demarcação do poder humano. Impossível hipertexto desde a carinhosa coerção aos cães até os cruéis massacres do mundo árabe, o poético esquecimento de África e as anedóticas chacinas das favelas. Nunca se falou tanto. Tampouco nunca se falou tão pouco. Seja na linguagem dos canídeos ou dos índios, as histórias, notícias e verbos sofrem na mão de seus interlocutores. O deslimite do texto cria seres híbridos, não somente esfinges, mas também lobos famintos, com asas de abelhas extintas e garras de ursos invasores de vilarejos ou ainda pitbulls xiitas, pastores nazistas, pintcheres militares.

A crônica do mundo pós-moderno está na semelhança de nossas vãs filosofias, biológicas, sociológicas. Ladros alegóricos, histéricos brados desesperados de raposas no cio: bruxas a comemorar a vitória do mal.

Entre a tal crônica e a profecia, enfim, apenas o tom. Escutem, pois. Chegará o dia em que cães comerão homens. Enquanto isso, afaguemos bem a barriga de cada vira-lata e sejamos felizes.



# O CARNEIRO

ATO ÚNICO IV



# O CARNEIRO

ATO ÚNICO CINCO

© LAERTE



# O CARNEIRO

ATO ÚNICO 6ª PARTE

© LAERTE



# O CARNEIRO

ATO ÚNICO VOL. 2

© LAERTE



# Davi Kinski



Andrey Kutchma (detalhe)

Eu me diluo  
Paz tremida  
Redondezas  
Exposto em vitrines  
Galerias  
Paixão  
For sale

Pictóricas náuseas  
Juventude  
Aquele grito parado no peito  
Eu troco minhas pernas, meus bueiros, eu me diluo  
Em parapeito  
Cítrico e sem bagaço  
Perdido no céu de diamante  
For sale

Grito  
Porém me sinto outro  
Aguardando a hora de entrar em cena  
Eu me dissolvo antes do fim  
Eu pulo do trampolim  
Para a cidade  
For sale

Aguardo à espera de um trem  
Que me leve para longe  
Onde eu possa me sentir  
Aprender a chorar  
Repetir, morrer quem sabe...  
E em outra capital vou me habitar  
For sale

Ser um punk underground  
Investir cocaína na pasta de trabalho  
Eu-meu-personagem-taciturno  
Noturno, trocando néons  
Rasgarei aquele horizonte blue  
For sale

Daniel Zanella

# Cenas Urbanas

## *Koyaanisqatsi*

Plafon. Ao lado da canaleta de ônibus, uma empresa vende plafon. Dentro, os passageiros pouco dizem, pois é manhã.

O ônibus em sua marcha de enfado não se ocupa da chuva discreta que começa a escorrer nos vidros. Um jovem, talvez uns dezesseis anos, comenta com a mocinha sobre a última vez que foi ao shopping: ontem à tarde, ele tinha dinheiro. Comprou um tênis: duzentão.

Vi o documentário “Koyaanisqatsi”, de Godfrey Reggio, 1983, o primeiro exemplar da trilogia Qatsi. É sobre o desequilíbrio humano. É um filme de marcações. A trilha sonora de Philip Glass se ocupa em demonstrar intensamente a aceleração cotidiana, a fragilidade dos corpos, a insensatez humana, alternando o abrupto com a candidez das paisagens naturais, grandes blocos de pedra, nuvens caminhando no céu do sempre, música fluindo como águas do riacho.

O pintor norueguês Edvard Munch escreveu a forma de sua famosa obra “O Grito”: “Eu andava pela rua com dois amigos – e o sol se pôs / O céu, de repente, tornou-se sangue – e eu senti como/ se fosse um sopro de tristeza / Eu parei – inclinado contra a grade/ morto de cansaço/ Sobre o fiorde negro azulado e a cidade assentaram nuvens de exalante sangue em pingos/ Meus amigos continuaram caminhando e eu fui/ deixado com medo e com uma ferida aberta em meu/ peito/ Um grande grito veio através da Natureza.”

O cineasta João Moreira Salles elucidava uma significativa guinada conceitual em sua carreira. O corte está entre “Notícias de Uma Guerra Particular” (1999) e “Nelson Freire” (2003). Para ele, o tema, a partir de então, passa a ser uma mera contingência, o tema não pode falar sozinho, já que a determinância, para ele, do caráter do documentário é a forma de abordagem do tema, sua originalidade, a mão do autor sobre seus personagens, seu respeito, sua veneração, sua crítica ou humilhação. Primeiramente, a forma de contar. Não existiria, assim, tema desimportante.

O que incomoda em “Koyaanisqatsi” é essa mão carregada de exuberâncias a nos dizer: “Como são reles esses seres humanos, não param sua marcha sucessiva para admirar a natureza e a poesia, vejam como se mexem para lugar nenhum...”

É hora de descer do ônibus, rumo, de fato, à velocidade inevitável do mundo.

Ademir  
Demarchi

## Nenpuku Sato – Um mestre do haikai no Brasil

Numa crônica anterior eu brinquei que os japoneses, muitíssimos neste estado, nunca teriam dado muita atenção à poesia nestas plagas, por estarem sempre preocupados com a sobrevivência e a produção de verduras, legumes e frutas, sendo mestres nos enxertos, a sua grande poesia.

Foi, claro, uma piada, pois a existência de Nenpuku Sato foi toda dedicada a isso. Ele nasceu há exatos 111 anos, em 1898, na cidade de Sasaoka, província de Niigata, no Japão, tendo desembarcado em Santos em 24 de maio de 1927. De lá, se dirigiu para a Colônia Aliança em Mirandópolis, a fim de cultivar café em terras próprias. Teve seis filhos no Brasil e, com sua família, derrubou a mata, plantou cafezais e os perdeu em geadas, cultivou arroz, milho e algodão, passando depois a criar gado diante das dificuldades de cultivo.

No entanto, seu cultivo mais duradouro e persistente foi o de escrever haicais e ensinar sua técnica no Brasil, honrando a missão que seu mestre do Japão havia lhe dado, de difundir essa arte entre os imigrantes japoneses do país. Sato dedicou 50 anos de sua vida ao ensino do haikai, estimulando e integrando uma comunidade espantosa de cerca de seis mil adeptos no Brasil.

O poeta londrinense Maurício de Arruda Mendonça prestou tributo à vida de Sato com a publicação de um estudo biográfico e a tradução de 40 haicais, “Trilha forrada de folhas – Nenpuku Sato, um mestre do haikai no Brasil”, publicado em 1999 pela singularíssima Ciência do Acidente, extinta editora criada pelo escritor Joca Reiners Terron.

Sato se aproveitava de momentos como as épocas de seca para viajar pelas pequenas cidades, patrimônios e vilas onde viviam os japoneses, e ministrava-lhes conferências sobre a técnica do haikai, a altas horas da noite, após os dias extenuantes de trabalho no campo, o que era feito à luz de lamparinas ou, claro, do luar, que era muito apropriado à inspiração haicaísta.

Sato agia como o mestre que foi incumbido de ser por seu mestre japonês: ensinava, orientava, criticava o trabalho dos praticantes. Em 1935 iniciou uma coluna sobre haikai no jornal da colônia japonesa, Brasil Jiho, durante sete anos, até a extinção desse jornal, coluna que continuou por mais 30 anos de 1947, no Jornal Paulista, até 1977. Não bastasse isso, ele fundou uma revista, Kokage (“Sombra da Árvore”), com 46 páginas, especializada na crítica e na divulgação do haikai, que chegou à espantosa edição 372 em outubro de 1979.

Em 1954, Sato mudou-se para Bauru, deixando o campo para dedicar-se exclusivamente à missão da prática e ensino do haikai, viajando muito para encontrar seus discípulos no interior de São Paulo, Paraná, Mato Grosso e Mato Grosso do Sul, tornando-se um professor reverenciado por seus seis mil discípulos.

Agora apresento-o numa seleção desses poemas, traduzidos por Maurício Arruda Mendonça, em “Trilha forrada...” Ele se tornou mestre por meio de seu mestre no Japão, Takahama Kyoshi, que, ao saber de sua partida para o Brasil, entregou-lhe três haicais que definiram sua missão neste país:

Faça um país de poesia  
aonde leve esse navio  
vento de primavera  
\*

Lavre a terra  
feito um deus como  
Kunitokotatchi no Mikoto  
\*

Lavrando a terra  
plante também  
um país de haikai

No livro, Mendonça discute particularidades da poética e do ensino de Sato no Brasil, que teve que lidar com a questão de como transplantar essa prática para um país sem estações do ano definidas, entre outros problemas fundamentais para essa poética. Deixo aos leitores a curiosidade de buscarem o livro. Seleciono agora alguns dos poemas de Sato. O primeiro está fixado no pavilhão japonês do Ibirapuera, em São Paulo, imortalizando na pedra o impacto que receberam os nipônicos diante da selva brasileira.

O barulho do trovão  
ecoou na imensidão da selva  
feito filhotes de trovão  
\*

a lua crescente  
na sobrelha do papagaio  
você não percebe?  
\*

pássaros migrando  
por toda a minha vida  
ceifar tudo que planto  
\*

a geada queimou tudo  
até o cachorro  
vaga a esmo  
\*

se as nuvens dia a dia  
se acumulam sobre a lua  
em breve, a chuva  
\*

sementes de algodão  
agora são de vento  
as minhas mãos  
\*

flor do café  
lavando essa roupa  
flutua mais branca

# GREG JACQUES

## DIÁRIO DA GUERRA:

### 2045

Ninguém sabe quando os mussaranhos começaram a ter domínio sobre a tecnologia nuclear. Representantes da embaixada americana se encontraram com o líder Charles “Peludo” II para fazer um acordo.

### 2047

Os mussaranhos fodidos agora tem seu próprio país, uma nação construída apenas para os pequenos roedores. Grande merda. Ainda somos a raça mais forte.

### 2048

Merda. A economia mundial está devastada: os mussaranhos são simplesmente imbatíveis em todos os aspectos produtivos. É impossível competir com eles. Foi proposto um embargo econômico pela ONU. Todos países ocidentais aderiram imediatamente.

### 2048

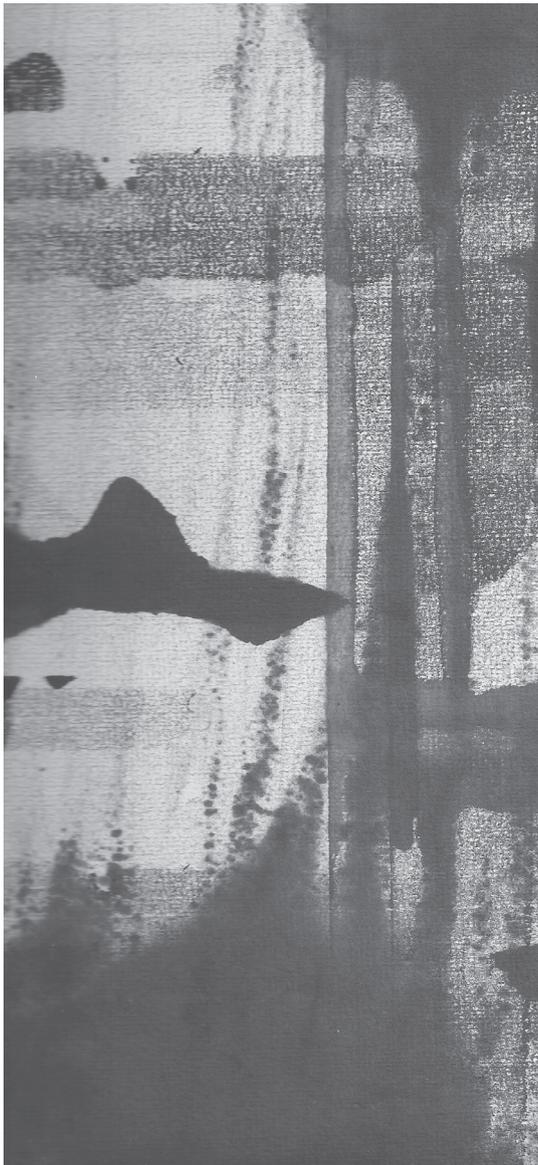
A declaração de guerra deles veio como uma surpresa: assaltos já são feitos pelos mussaranhos em toda a Europa. Uma medida emergencial da OTAN permitiu o contra-ataque imediato e a mobilização de todas as reservas. Foram mobilizados quase dez milhões de soldados para enfrentar os ratos fodidos. Eles não têm chance.

### 2050

O presidente Ted Johnson assinou o armistício e a rendição incondicional dos EUA e da OTAN. Os mussaranhos ganharam batalha após batalha, nós não tivemos chance alguma.

### 2052

Os acordos são finalmente finalizados e, enfim, o novo presidente do mundo, Charles “Peludo” III assume sua cadeira de governo em Bruxelas. Peludo promete igualdade entre humanos e roedores. Protestos persistem nas ruas dos maiores países.



Andrey Kutchma (detalhe)

# INQUIETO *CHIAROSCURO* [ou *PALAVRA-OBALUAÊ*]

Cel Bentin

A pedraria do instante tenta o poço infinito da noite.

De bloco em punho, garçons em cartografia  
projetam pedidos além da conta das mesas.

Estreito, um bandolim faz as vezes de equação  
e firma sozinho o tom antes do canto calculado:

artifício desmedido que dança os pés-direitos,  
zomba do descompasso do balcão cartesiano  
na geografia imprevista desse alumbramento  
e segreda, solto de simetria, ao fiar a manhã:

– Os corredores dos botequins são histórias à busca de curvas  
sinfonias cala-travas, salas impossíveis (...) & alguma arquitetura.

PS: O que conta a noite não se calcula; e sequer se releva.